

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ana Flávia de Oliveira

**PRODUÇÃO ARTESANAL DE COSMÉTICOS NATURAIS EM TURMA
DE EJA: UM DISPOSITIVO PARA CONTRIBUIR COM A EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

Santa Maria, RS
2019

Ana Flávia de Oliveira

**PRODUÇÃO ARTESANAL DE COSMÉTICOS NATURAIS EM TURMA DE EJA:
UM DISPOSITIVO PARA CONTRIBUIR COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

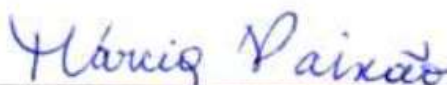
Santa Maria, RS
2019

Ana Flávia de Oliveira

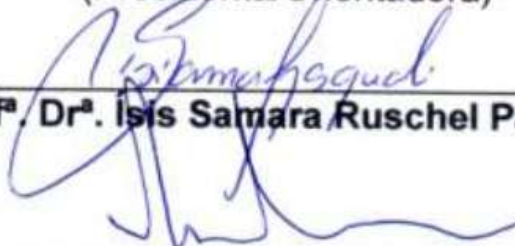
**PRODUÇÃO ARTESANAL DE COSMÉTICOS NATURAIS EM TURMA DE EJA:
UM DISPOSITIVO PARA CONTRIBUIR COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

Aprovada em 15 de agosto de 2019:



Profª. Drª. Márcia Eliane Leindcker da Paixão
(Presidenta/Orientadora)



Profª. Drª. Isis Samara Ruschel Pasquali



Prof. Dr. Paulo Edelvar Correa Peres

Santa Maria, RS
2019

*Salve
Guerreiras e guerreiros
Escolas libertárias e terreiros
Amores de todos os tipos
Verdades de todas as cores
Salve, salve nossos ancestrais de espíritos protetores
Coragem, atenção, irmã, irmão
Fé no coração, sempre siga em frente
Respiração profunda oxigena corpo e mente
Esperança renasça como a fênix
Resistência, resistência
Força, sabedoria, inteligência, coletividade
Serenidade em tempos de tempestade
Liberdade sempre
Salve”*

(Música “Salve” – BaianaSystem/BNegão)

RESUMO

PRODUÇÃO ARTESANAL DE COSMÉTICOS NATURAIS EM TURMA DE EJA: UM DISPOSITIVO PARA CONTRIBUIR COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

AUTORA: Ana Flávia de Oliveira

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

A pesquisa tem como desafio construir ideias acerca da produção de cosméticos artesanais naturais como proposta de Educação Ambiental junto a estudantes de EJA de uma escola em Santa Maria. A partir da pergunta de pesquisa, “*cosméticos artesanais naturais podem valer-se como dispositivo para pensar a cerca de uma consciência ecológica mais responsável?*”, buscou-se unir conhecimentos em relação à cosmetologia artesanal e natural com o conceito de Economia Solidária, trazendo a proposta de pensar uma outra forma de economia, diretamente ligada com os ideais da Educação Ambiental. Os autores e autoras que deram suporte à pesquisa foram: Paul Singer, Vandana Shiva, Enrique Leff, Shaula Maíra Vicentini Sampaio, Leandro Belinaso Guimarães Moacir Gadotti, dentre outros, e os resultados encontrados a partir das oficinas foram, de forma geral, suficientes para trabalhar a pergunta geradora da pesquisa, fazendo-se possível a aproximação de uma consciência ambiental mais ecológica através da problematização do uso de cosméticos industriais e do conhecimento e produção dos cosméticos artesanais naturais.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Cosméticos artesanais naturais. Economia Solidária.

ABSTRACT

ARTISANAL COSMETICS IN A YAE CLASS PRODUCTION: A DEVICE TO CONTRIBUTE WITH ENVIRONMENTAL EDUCATION

AUTHOR: Ana Flávia de Oliveira
ADVISOR: Prof^a. Dr^a. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

The research has as challenge to build ideas about the production of natural artisanal cosmetics as a proposal for Environmental Education in conjunct with Young Adult Education students at a Santa Maria's school. Starting from the researches question, "*can natural artisanal cosmetics be valued as a device to think about a more responsible ecologic consciousness?*", sought to unite knowledge about natural and artisanal cosmetology set with the concept of Solidarity Economy, bringing the proposal of thinking another form of economy, directly connected with the ideals of Environmental Education. The authors that supported this research were: Paul Singer, Vandana Shiva, Enrique Leff, Shaula Maíra Vincentini Sampaio, Leandro Belinaso Guimarães Moacir Gadotti, between others, and the results obtained from workshops was, in general, enough to work the generator question of the research, making possible the approximation of an ecologic environmental consciousness through the questioning the use of industrial cosmetics and the knowledge and generation of the natural artisanal cosmetics.

Keywords: Environmental Education. Natural artisanal cosmetic. Solidarity Economy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
ESCOLA ESTADUAL PROF. ^a EDNA MAY CARDOSO	11
COSMÉTICOS ARTESANAIS X COSMÉTICOS INDUSTRIAIS	14
COSMÉTICOS ARTESANAIS: DISPOSITIVO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A ECONOMIA SOLIDÁRIA	22
RELATANDO A EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
APÊNDICE A – RECEITAS DE COSMÉTICOS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

O uso de cosméticos industriais tem causado impactos ao meio ambiente como também em nossos organismos e isso passa despercebido como um problema ambiental grave. Mudanças simples de hábitos, como o uso de cosméticos artesanais naturais, podem afetar de forma positiva na saúde do indivíduo e da natureza. O fato de abandonarmos os cosméticos industriais para darmos início ao uso de opções mais naturais ao lidarmos com nossa higiene pessoal, pode implicar potencialmente no que se diz respeito ao impacto ambiental e a saúde de nossos corpos.

Cosméticos industriais trazem em sua composição inúmeros componentes químicos que são prejudiciais a nossa saúde. Os desodorantes antitranspirantes são vistos como um dos maiores vilões, associados ao câncer de mama, e embora algumas pesquisas, como por exemplo a encontrada em um artigo assinado por pesquisadores da University of Reading, na Grã-Bretanha e que foi publicada na revista *Journal of Applied Toxicology*, no ano de 2004¹, relatem a presença de altas concentrações de parabenos em tecidos retirados de tumores mamários de mulheres que usavam este tipo de desodorante antitranspirante, outros tantos artigos trazem a ideia oposta de que ainda não há estudos suficientes nem conclusivos que comprovem a associação direta entre a exposição a parabenos e a presença de danos no DNA que poderiam levar ao câncer.

Esses componentes químicos, agressivos aos nossos corpos, também agredem o meio ambiente, desde o momento da extração da matéria prima para sua fabricação, até o momento que escorrem pelos ralos, não sendo filtrados pelo sistema de tratamento de água, indo diretamente para os rios e lençóis freáticos, além disso poluem também o solo e o ar. O descarte indevido das embalagens também é levado em conta como um problema ambiental, pois várias são de difícil reciclagem e reaproveitamento.

¹Informação retirada de um artigo escrito pelo INCA, encontrado no site do Ministério da Saúde, disponível no link: <http://www1.inca.gov.br/imprensa.asp?op=cv&id=23>. Acesso em: 09/07/2018 às 07h33.

Problematizar o uso de cosméticos químicos e industriais faz parte da minha trajetória desde o ano de 2014, quando comecei a me questionar sobre esse assunto, e passei a fazer ligações com diversos temas, dentre eles a saúde, o meio ambiente, o consumismo, os ideais de beleza impostos pela mídia, o capitalismo, outras possíveis formas de economia, as redes de farmácias, plantas medicinais, divergências entre medicina ocidental e oriental, resgate de conhecimentos ancestrais, valorização da natureza, dentre inúmeras outras ligações possíveis, passei a me encantar mais e mais e me interessar verdadeiramente pelos cosméticos naturais artesanais e como inseri-los em nosso dia a dia, de forma simples e funcional. Venho trabalhando com o estudo e a produção de cosméticos naturais desde então, desde 2014 até os dias atuais, pesquiso, produzo, faço trocas e comercializo esses cosméticos, com muita dedicação e carinho, acreditando imensamente no propósito desse trabalho.

Trazer esse tipo de tema para ser abordado com estudantes é um passo para que seja estimulada uma reflexão acerca do impacto ambiental causado pelo ser humano, levando em conta desde os pequenos hábitos diários de cada um de nós. Demonstrar aos estudantes que há possibilidades de mudanças e que estas repercutem em um impacto ambiental menor é uma das formas de salientar que é possível sim fazer diferente e fazer a diferença.

Além do mais, possibilitar que estudantes reconheçam que podem ter autonomia e outras opções diante da escolha do uso de cosméticos industrializados, é colaborar de forma ativa em questões ecológicas e sociais, trabalhando em direção, ao conceito de Economia Solidária. Nessa perspectiva, pode-se dizer que economia solidária e educação ambiental estão de mãos dadas na busca de um mundo melhor para todas as pessoas.

Assim, a pesquisa tem a seguinte pergunta:

Cosméticos artesanais naturais podem valer-se como dispositivo para pensar acerca de uma consciência ecológica mais responsável?

E como objetivo geral:

Fomentar o interesse de estudantes sobre o consumo de cosméticos em relação ao meio ambiente, por meio de uma educação que priorize uma consciência ecológica responsável.

Objetivos específicos:

- Problematizar o uso de cosméticos industriais e desenvolver a consciência ecológica e o cuidado com a saúde através da produção e uso dos cosméticos artesanais naturais.
- Produzir, com os estudantes, cosméticos naturais de uso cotidiano, como: creme dental, desodorante, sabonete, etc.
- Relacionar o conceito de Economia Solidária com Educação Ambiental.

A importância do tema tratado abrange diversas áreas. Cosméticos industriais são nocivos desde o momento de sua produção, no momento de uso e depois no descarte das embalagens. Poluem o meio ambiente com ingredientes químicos e com embalagens que não são biodegradáveis, além de serem nocivos também a saúde de todo o ecossistema.

Debater esse tema com estudantes possibilita pensar a autonomia na produção de seus próprios cosméticos, podendo escolher fazer uso de cosméticos naturais, optando por causar menor impacto ambiental e preservação da saúde de seus corpos.

A proposta de oficina foi aplicada com a turma T5 de EJA através de cinco encontros, ocorridos semanalmente. Tendo seu início no dia 09 de maio de 2019, às 19h, e seu encerramento no dia 13 de junho deste mesmo ano.

Dessa forma, o início deste trabalho trata sobre a escola onde as oficinas foram realizadas, traz um pouco de seu histórico, explana sobre as questões sociais e dificuldades enfrentadas e também as ações pedagógicas que são realizadas com o intuito de pensar a vida desses estudantes junto à comunidade e também de suas famílias.

O capítulo 2 aborda os cosméticos artesanais e os cosméticos industriais, apontando vantagens e desvantagens no uso de ambos, contrapondo um ao outro.

O terceiro capítulo traz o conceito de Economia Solidária, e faz pensar os cosméticos artesanais como um dispositivo para trabalhar as relações entre Economia Solidária e Educação Ambiental.

Por último o relato de como ocorreram as oficinas, seguido das considerações finais e em anexo algumas receitas de cosméticos naturais produzidos artesanalmente.

ESCOLA ESTADUAL PROF.^a EDNA MAY CARDOSO

O projeto foi desenvolvido na Escola Edna May Cardoso (Figura 1), que se encontra à Rua Rubinho Santos, bairro Cohab Fernando Ferrari, no município de Santa Maria/RS. É uma escola estadual, composta por turmas de ensino fundamental, médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos), que foi implantado a partir de março de 2003. Atendendo em turno integral, manhã, tarde e noite. A Escola também oportuniza a educação inclusiva com acompanhamento de educadora especial.

Figura 1 – Escola Edna May Cardoso, muro da parte frontal interna



Fonte: Autora, 2019.

A trajetória do colégio iniciou-se em dezembro de 1982, com a mobilização dos moradores do bairro, buscando uma forma de seus filhos terem uma escola próxima para estudar. As obras foram finalizadas no ano de 1984, porém o início real da escola ocorreu no ano de 1986 com o esforço da Associação Comunitária do Núcleo Habitacional Fernando Ferrari, em conjunto com a direção da Escola Estadual Prof.^a Margarida Lopes.

No início, a Escola era vista como uma extensão da Escola Prof.^a Margarida Lopes, e por isso era chamada de “Margaridinha”, e somente no ano de 1990 foi que teve sua inauguração, passando a ser chamada de Escola Estadual Prof.^a Edna May Cardoso.

A Escola é composta por 60 docentes, 7 funcionários/as e recebe cerca de 450 estudantes, em média, no início do ano letivo. Esses estudantes são originários de famílias com situação socioeconômica média-baixa. Os programas de incentivo do Governo Federal, como “Bolsa Família”, têm contribuído para manter os estudantes na escola. Mesmo assim, alguns ainda acabam se afastando no decorrer do ano letivo em decorrência de migração, trabalho, gravidez.

Segundo dados do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, são realizadas algumas ações pedagógicas envolvendo uma busca constante para

que haja adequação às necessidades do educando e educanda, levando em conta que para muitos a única fonte de informação é o ambiente escolar. Além disso, procuram relacionar os conteúdos e práticas com a realidade dos alunos, buscando por trabalhos lúdicos e diferentes formas de aprendizagem.

Uma das maiores preocupações da Escola e também do Sistema de Educação, é a questão da Evasão Escolar. Muitos estudantes afastam-se por longo período, alguns retornam no mesmo ano, outros somente no ano seguinte, e outros deixam definitivamente de estudar. Grande parte apresenta dificuldade na aprendizagem e isso é levado em conta para que o ritmo de cada um seja respeitado, há também uma quantidade considerável de estudantes com necessidades especiais que são atendidos em sala de aula ou na sala de recursos.

Além dessas questões, as (os) educadoras (es), mesmo com liberdade na escolha de suas metodologias, encontram dificuldades geradas pela agitação e casos de indisciplina de alguns estudantes, por conta desse conjunto de elementos presentes em seu cotidiano.

Vistas as dificuldades a Escola propõe algumas ações em busca de superá-las. Como por exemplo, trabalhar buscando uma unidade de ação; estimular as relações família-estudante-escola-comunidade; promover encontros, reuniões, grupos de estudo, palestras, confraternizações, e atividades extraclasse, recreação, esportes, viagens, fazendo também uso de outros espaços oferecidos pela Escola, como sala digital, sala de vídeo, pátio (Figura 2), quadra de esportes...

Figura 2 – Pátio da Escola



Fonte: PIBID História na Escola, 2011.

Há também a busca por um incentivo à leitura e pesquisa e por intensificar projetos que desenvolvam no aluno a consciência, o respeito e a proteção pelo meio ambiente.

Ao chegar à Escola e solicitar o espaço e uma turma para a realização das oficinas, o acolhimento foi imediato. A empolgação de uma das professoras e do diretor foi muito visível, pois ambos já vinham pensando em trabalhar questões ligadas à Educação Ambiental na escola. A escola já estava (e continua) servindo de espaço para desenvolvimento de 3 grupos de apoio a comunidade Cohab Fernando Ferrari, que junto a UBS (unidade básica de saúde) Walter Aita, localizada bem próximo a escola, formam esses grupos, um de crianças em situação de risco, outro de mulheres e outro de homens, buscando valorizar os moradores e visibilizar essas pessoas, como potências em atuar junto a escola e a Cohab. Os grupos são organizados por uma das enfermeiras do posto de saúde e tem intuito de servir como uma rede de apoio a saúde mental dessas pessoas.

COSMÉTICOS ARTESANAIS X COSMÉTICOS INDUSTRIAIS

O uso de cosméticos faz parte do nosso cotidiano, e acabamos por consumir inúmeras dessas substâncias sem nem ao menos conferir do que são compostas, como são produzidas, com que tipo de economia estamos colaborando e direcionando nosso consumo, e esquecemos também de pensar em relação as questões de saúde, nossa e do meio, que envolvem o uso dessas misturas. Podemos fazer uma comparação entre os cosméticos artesanais e os industriais, mas antes, entender um pouco mais sobre o que é um cosmético.

Cosméticos são substâncias, misturas ou formulações usadas para melhorar ou para proteger a aparência ou o odor do corpo humano. No Brasil, eles são normalmente tratados dentro de uma classe ampla, denominada produtos para a higiene e cuidado pessoal. (GALEMBECK et al., p.4, 2010).

O registro do uso de cosméticos pela humanidade vem de muitos anos, segundo um informativo da Secex (2004), o uso de cosméticos tem existência há, pelo menos, 30 mil anos. Na antiguidade tanto os povos primitivos já pintavam seus corpos com finalidades ornamentais e religiosas, como os asiáticos, que deram origem a muitos cosméticos. Segundo registros, um dos primeiros usos de cosméticos surgiu no Egito, quando Cleópatra utilizava de leite de cabra para banhar-se na expectativa de obter uma pele mais suave e macia (SECEX, 2004).

A história também registrou que atores do teatro romano eram usuários de maquiagens para poderem incorporar diferentes personagens ao seu repertório. Por outro lado, muitas mortes eram comuns dentre eles, em conta de intoxicação por pigmentos minerais que continham chumbo ou mercúrio na composição (GALEMBECK, 2010).

Hoje em dia utilizamos inúmeros tipos de cosméticos diariamente, levando em conta questões de higiene e estética. Podemos citar alguns, como creme dental, shampoo, condicionador, creme para barbear, perfumes, protetor solar, repelentes, hidratantes, maquiagens, óleos, esfoliantes, desodorantes, enfim, uma série de produtos que julgamos indispensáveis para nossa rotina diária. Mas será que temos mesmo necessidade do uso de tudo isso?!

De acordo com um relatório de acompanhamento setorial de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos da Unicamp, compilado em dezembro de

2009, o Brasil é o terceiro no mercado mundial de cosméticos, perdendo apenas para os Estados Unidos e o Japão. Essa indústria de cosmetologia tornou-se extremamente importante dentro da economia do país, o uso excessivo de produtos de beleza demandou um gasto de US\$ 42 bilhões (ABIHPEC², 2012), colaborando com o sistema econômico, porém, implicando em várias questões de cunho ambiental.

São incontáveis os impactos decorrentes da indústria dos cosméticos para com o meio ambiente, iniciam desde a extração de matérias-primas e vai até após o descarte desses produtos e de suas embalagens. Os danos não fazem referência apenas com elementos já tóxicos, mas também com o desperdício de matérias como a água. A água é uma matéria-prima utilizada de forma abundante na fabricação de produtos cosméticos, entretanto, há formação de efluentes líquidos poluentes, como óleos e graxas, sulfetos, despejos amoniacais, tensoativos, fosfato e polifosfato. Estes efluentes podem causar, principalmente, uma dificuldade no tratamento da água, odor desagradável, além de impossibilitar o bom funcionamento dos ecossistemas (MORAIS & ANGELIS, 2012).

Outras das substâncias usualmente encontradas nos cosméticos e seu potencial risco a saúde: formaldeído, parabeno, silicone, triclosan, alumínio, alquilfenol, polietilenoglicol (PEG) e óleo mineral. E vale ressaltar também o caso das microesferas de plástico, que são usadas em produtos de higiene pessoal e são feitas principalmente de polietileno (PE), ou outros materiais como polipropileno (PP), polietileno tereftalato (PET), polimetilmetacrilato (PMMA) e nylon. Essas microesferas são encontradas em esfoliantes (Figura 3), cremes corporais, cremes dentais, sabonetes líquidos e também em barra, que prometem efeito esfoliante, visto que a fricção mecânica das microesferas contra a pele promove renovação celular do tecido cutâneo. O polietileno não é biodegradável e pode levar cerca de 400 anos para se degradar, afetando de forma mais grave os corpos d'água.

Figura 3 – Creme esfoliante com microesferas de polietileno

2 Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal Perfumaria e Cosmética.



Fonte: RODRIGUES, 2016.

Em alguns países as microesferas de plástico já estão com seu uso vetado. Aqui no Brasil, o estado do RJ foi o primeiro a sancionar a aplicação da lei³ que proíbe o uso das microesferas, estando sujeito a sofrer penalizações e multas aqueles que descumprirem o não uso dessas partículas que acabam por poluir as águas, tendo até uma pesquisa recente descoberto que estamos ingerindo micro plástico na água em que bebemos. Na pele essas partículas não fazem mal, a preocupação é o que pode acontecer quando ingerimos as microesferas. A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2018, fez um teste com 250 garrafas de água de 11 marcas líderes do mercado mundial, incluindo brasileiras, e havia micropartículas de plástico em 93% delas. E, como ainda não existem estudos sobre esse assunto, não é possível afirmar quais os riscos da presença de plástico na água que bebemos.

Retomemos a questão dos cosméticos. Existem formas naturais, e simples, para substituição das microesferas de plástico no uso dos cosméticos. Em alguns produtos elas têm apenas função estética, para deixar o visual do cosmético mais interessante aos olhos das pessoas que não tem conhecimento sobre seu potencial destrutivo. Em outros casos, elas são usadas como material esfoliante, podem ser substituídas, em um cosmético artesanal natural,

³ Informações sobre a lei 8090/2018, fornecidas pela Folha de São Paulo, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/09/rio-aprova-lei-que-proibe-microesferas-plastica>>.

por matérias primas como: pó de café, açúcar, fubá, aveia, argilas, sementes, etc. É quase como passar uma receita de bolo no corpo.

A pele é o maior órgão humano, revestindo todo nosso corpo, e está exposta diretamente a poluição, ao Sol, e aos produtos que aplicamos nela. Seria interessante pensar no cuidado com cosméticos para nossa pele que poderiam, por exemplo, serem também colocados na boca sem causar nenhum prejuízo ao organismo. Não é que vamos começar a comer desodorantes, mas a partir desse pensamento de cuidado com a natureza/corpo é uma boa forma de nos questionarmos ao escolher o que estamos colocando em contato com nossos corpos. Essas são perspectivas de sustentabilidade aplicadas ao uso do corpo e para além dele.

Além de pensar a saúde do nosso organismo, vale ressaltar a ligação direta com a saúde do meio ambiente, visto que somos parte do mesmo, como se fossemos um dos órgãos que fazem parte de um grande sistema, dentro de um organismo ainda maior, que é o planeta Terra. Então não basta apenas o cuidado limitado com a saúde de nossos corpos enquanto não houver uma preocupação e um cuidado acerca da saúde do meio ambiente onde vivemos e a atenção em relação aos impactos ambientais, sendo eles positivos ou negativos, gerados pela nossa forma de viver no planeta.

Impacto ambiental é “qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas (...)” (CONAMA, 1986, art.1)

Cosméticos químicos/industriais costumam causar largo impacto ambiental negativo ao meio ambiente, mas vale ressaltar também que muitos cosméticos industriais ditos “naturais” são feitos com base em matéria prima natural, entretanto tem origem de uma extração indevida e exploratória dos recursos naturais, e que podem ocasionar em prejuízos ambientais, desde desequilíbrios na fauna e flora como colaborar com a extinção de espécies. É importante atentar para o mal-uso dessa matéria-prima, quando extraída de forma inconsciente e inconsequente.

E além dos danos que os cosméticos químicos trazem ao meio ambiente, podemos listar uma série de problemas causados a nossa saúde e

bem-estar, como por exemplo: irritabilidade e agressividade, hiperatividade infantil, dificuldades de aprendizagem, fraqueza muscular, insônia, depressão, perda do desempenho sexual, câncer, diminuição da memória ou da concentração, doença de Alzheimer, quadros de demência, osteopenia, osteoporose, crises de asma, dermatite de contato, alergia respiratória, rinite, conjuntivite, aumento do envelhecimento cutâneo, entre outras.

A Comissão da Indústria Cosmética do CRF-PR⁴, relata que a indústria de cosméticos constitui, atualmente, um dos mais importantes segmentos da economia mundial e na questão de produção, o Brasil ocupa o terceiro lugar no ranking mundial e é o primeiro na América Latina. Estima-se cerca de U\$90 bilhões destinado aos cosméticos, dentre maquiagens (19,3%), perfumes (54,7%) e demais produtos (26%). A indústria de cosméticos vem sendo a campeã de patentes na França nos últimos 10 anos.

É certo que a responsabilidade na produção de cosméticos industriais existe e sem dúvidas é um setor de produção organizado, com embasamentos científicos e capacidade de comprovar eficácia em seus produtos, envolvendo múltiplas áreas de conhecimento, como farmacologia, toxicologia, biologia celular, química, bioquímica, microbiologia, contudo, nos últimos anos, a indústria cosmética está enfrentando o desafio de criar uma nova relação com seus cosméticos e o consumidor, que a cada dia mais está buscando por ofertas, produtos e procedimentos mais sustentáveis e ecologicamente corretos.

Além do mais, a indústria de cosméticos tende a considerar o crescente aumento da produção, enquanto que o consumo de cosméticos artesanais naturais ainda está longe de ser uma concorrência e um grande problema para as grandes indústrias. Porém é sim uma espécie de afronta e uma realidade que vem ganhando força aos poucos. Mais e mais pessoas mostram-se interessadas em uma relação mais saudável na hora de consumir produtos que conversem com sua saúde, aproximam-se do natural e estendem um olhar de cuidado ao meio ambiente.

4 A CIC CRF-PR foi criada em 2003 a partir da sugestão de farmacêuticos atuantes no setor de cosméticos no estado do Paraná. É a primeira Comissão da Indústria Cosmética entre os Conselhos Regionais de Farmácia do Brasil.

Até mesmo por conta disso a indústria está buscando aproximar-se dessas características, inovando e investindo em pesquisas para a produção de cosméticos, mesmo que químicos e industriais, mas que tragam em suas composições formulações mais naturais e menos agressivas. Acaba até mesmo entrando na moda ter um consumo mais ecológico e buscar nas prateleiras os produtos com embalagens que nos digam coisas como: “livre de parabenos e petrolatos”, “não contém silicone”, “esse produto é livre de alumínio em sua composição”.

É bom saber que podemos contar com produtos mais naturais de fácil acesso no mercado, porém vale lembrar que a indústria continua mantendo sua base na produção química em larga escala, muitas continuam não se preocupando com questões como a exploração irracional de matéria prima, trabalho exploratório, uso de embalagens não biodegradáveis e de resíduos que são despejados de forma irresponsável na natureza. Devemos estar atentos a questões que envolvem o estímulo do pensamento ecológico, mas que na verdade estão ligados diretamente com interesses do capital, visando apenas geração de lucro para os donos dessas empresas.

Em uma matéria publicada pela *‘Revista Galileu’*, encontram-se dados de uma pesquisa que coloca as maquiagens e os cosméticos, junto de produtos de limpeza, pesticidas, solventes, tintas plásticas, como um dos maiores responsáveis pela poluição do ar, mais ainda do que os próprios carros e veículos movidos a queima de petróleo (Revista Galileu, 2018).

Veículos sempre foram tidos como os principais vilões da poluição do ar. Um carro popular libera, por quilômetro rodado, em média 150 gramas de dióxido de carbono, que é um dos gases responsáveis pelo aquecimento global. Além disso, a queima de combustíveis fósseis também libera compostos orgânicos voláteis (em inglês chamados de *‘VOCs’*), que são substâncias químicas ligadas a diversos problemas, que vão desde alergia, irritação nos olhos ao câncer.

Os pesquisadores concluíram que esses produtos químicos produzem mais do que o dobro das emissões de gás que os carros e além do mais, tem um agravante, que é o fato de geralmente serem produtos utilizados em ambientes fechados, dentro de residências e edifícios comerciais, por exemplo.

Além de um impacto considerável a saúde, os ‘VOCs’ são um perigo ao meio ambiente. Eles representam uma grande variedade de moléculas a base de carbono (aldeídos, cetonas, hidrocarbonetos, etc), e por serem leves, sobem com facilidade para a atmosfera, onde reagem e transformam-se em ozônio e outros materiais e substâncias minúsculas, com um tamanho cerca de cinco vezes mais fino do que um fio de cabelo, e vagam suspensos no ar, por vezes sendo inalados para dentro de nossos pulmões.

Em outra matéria, de 2014, agora da revista ‘*Superinteressante*’, encontram-se dados que foram divulgados na revista científica ‘*Environmental Health Perspectives*’, falando sobre o impacto negativo dos bloqueadores solares, que através de seus componentes provocam uma infecção viral nos corais, gerando branqueamento e a morte desses organismos. Em análise de diversas marcas foi detectado que todas são responsáveis por causar esse dano, e de acordo com o artigo, cerca de 10% das reservas de coral no mundo estão ameaçadas pelo branqueamento. O fitoplâncton, crustáceos, algas e peixes também são vulneráveis e acabam sendo afetados pelos efeitos desses produtos.

Questionamentos são lançados em relação a eficácia dos cosméticos artesanais naturais, visto que os químicos e industriais ganham força por terem pesquisas científicas que apoiam e dão o aval de que eles cumprem com suas promessas. Porém, sabemos que existem saberes ancestrais que são negligenciados, muitas vezes, pelo meio científico e principalmente por nossa cultura ocidental, que prima por valorizar apenas “a ciência” sem levar em conta saberes “antigos, primitivos ou anticientíficos” (como são vistos) que carregam consigo muito valor.

Vandana Shiva, em seu livro “*Monoculturas da mente*”, adverte que:

A ligação entre saber e poder é inerente ao sistema dominante porque, enquanto quadro de referência conceitual, está associado a uma série de valores baseados do poder que surgiu com a ascensão do capitalismo comercial. A forma pela qual esse saber é gerado, estruturado e legitimado, e a forma pela qual transforma a natureza e a sociedade geram desigualdades e dominação, e as alternativas são privadas de legitimidade (SHIVA, 2003, p.22)

Engana-se o pensamento popular de que a ciência é algo aberto, visto que ela é, na verdade, como aponta Shiva (2003, p.23), “o resultado da

fidelidade de uma comunidade especializada de cientistas a metáforas e paradigmas pressupostos que determinam o sentido dos termos e conceitos constituintes”. E a ciência ocidental moderna passa a ser vista como algo “sacro”, fechado a questionamentos e avaliações, tendo assim de ser simplesmente aceita como verdade absoluta. Temos uma relação de saber muito mais ligada com as relações de poder do que podemos imaginar. Onde conhecimentos e saberes outros, que não os de interesse do capital, são abafados, deslegitimados, escondidos, apagados e até mesmo destruídos em prol de um saber dominante. Criando assim, como aponta Shiva, uma monocultura mental que não abre espaço a outras alternativas.

Experimentar aprender a elaborar seus próprios cosméticos, de forma artesanal, em busca de matérias primas naturais pode vir a ser, não somente uma alternativa de escolha mais saudável para nossos corpos e para com o meio ambiente, como também uma maneira de resgatar esses saberes para que não se percam dentro dessa ideia de monocultura da mente.

Como traz Enrique Leff (1999, p.117): “A consciência ambiental se manifesta como uma angústia de separação e uma necessidade de reintegração do homem na natureza”. Nesse pensamento, Leff leva a crer no potencial transformador existente na reaproximação dos saberes ancestrais e na busca por uma Educação Ambiental interdisciplinar, na formação de habilidades para apreender a realidade complexa, muito além de uma Educação Ambiental reduzida apenas a uma consciência ecológica. Ele ainda levanta uma crítica a maneira como o poder do Estado e o sistema de mercado em que estamos submetidos, acaba que por nos limitar a desenvolver outros saberes, apontando que

Neste propósito produtivista e eficientista se dissolve o pensamento crítico e reflexivo, pessoal e autônomo, para ceder o poder de decisão aos mecanismos de mercado, aos aparatos do Estado e às verdades científicas desvinculadas dos saberes pessoais, dos valores culturais e dos sentidos subjetivos (...) (LEFF, 1999, p.126).

Nesse ponto, valorizar o artesanal, o natural, o produzido de forma autônoma, é uma maneira de, em contra ponto com o que nos é imposto, vivenciar valores adormecidos em nossa cultura, buscando, para além do

contato com um produto, o contato com esses sentidos subjetivos que Leff traz em sua fala.

COSMÉTICOS ARTESANAIS: DISPOSITIVO PARA PENSAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Em um vídeo como conferencista do *'Fronteiras do Pensamento'*, Vandana Shiva (2012), diz que uma das coisas que a natureza pode nos ensinar, e que não encontraremos em nenhum livro, é o valor da diversidade, como coisas diferentes podem coabitar em uma floresta, e, através disso, nos mostra o valor da democracia e da liberdade, ensinando que a liberdade vem da coexistência, em dar espaço suficiente para o outro. Em contraponto com a 'liberdade mecanicista' que é sobre individualismo atomizado, sempre ao custo de alguma coisa, ao custo da natureza, dos outros.

A produção e o uso de cosméticos artesanais naturais podem ser vistos como uma maneira de resistência dentro do sistema capitalista exploratório, que aplica essa visão de mundo mais individualista. Pode vir a ser uma alternativa dentro da ideia de economia solidária, que visa a saúde dos seres vivos e do meio ambiente, e também um meio de pensar outras relações, como a “desmecanização” de nossos corpos, explorando os sentidos, o lúdico, a autonomia e subjetividades na produção manual e no uso desses cosméticos. Neste caso o termo “desmecanização” vem com a ideia da busca por uma vida mais humana, mais sensível, mais próxima e ligada com a natureza. Visando, como traz Vandana Shiva, observar e aprender com os ensinamentos da natureza. Indo ao encontro dos valores da democracia e da busca por uma liberdade que não necessite explorar a natureza e os outros. Vivendo de forma sustentável, podendo crescer e desenvolver, em meio a diversidade, assim como fazer as plantas nas florestas.

Segundo Leff (1999, p.123), “a partir da perspectiva ética, as mudanças nos valores e nos comportamentos dos indivíduos aparecem como o princípio fundamental para alcançar a sustentabilidade”. Levando em conta essa ideia, partimos do pressuposto de que, com base em tantos fatos que nos confirmam

a premissa de que os cosméticos industriais são nocivos para nós e para a natureza, seria interessante pensar outras formas de produção e consumo de cosméticos, pensar em outros ingredientes que não somente os químicos, rever conceitos e hábitos para que possamos colaborar de forma ativa com a redução do impacto ambiental que o ser humano causa no planeta Terra.

Sabemos do grande desafio em trabalhar uma educação ambiental, pois como aponta Enrique Leff

A educação ambiental foi reduzida a um processo geral de conscientização cidadã, à incorporação de conteúdos ecológicos e ao fracionamento do saber ambiental a uma capacitação aligeirada sobre problemas pontuais, nos quais a complexidade do conceito de ambiente foi reduzido e mutilado (...) (LEFF, 1999, p.125).

Então não nos basta apenas saber acerca dos problemas ambientais, das inúmeras questões ligadas a isso, e não irmos mais a fundo nas subjetividades que nos cercam. É preciso pensar uma Educação Ambiental interdisciplinar, ligada a outros conceitos, e aproximar-se do cotidiano dos estudantes, buscando conhecer a realidade daquele ambiente onde vivem, para que nos voltemos a uma Educação Ambiental mais humanizada.

Sem dúvida, a educação ambiental ainda está muito longe de penetrar e trazer novas visões de mundo ao sistema educativo formal. Os princípios e valores ambientais que promovem uma pedagogia do ambiente devem ser enriquecidos com uma pedagogia da complexidade, que induza os alunos a uma visão de multicausalidade e de interrelações de seu mundo nas diferentes etapas do desenvolvimento psicogenético, que gerem um pensamento crítico e criativo baseado em novas capacidades cognitivas (LEFF, 1999, p.119).

É evidente que oficinas de cosméticos artesanais não é o único movimento que deve ser feito para que mudanças ocorram de fato, mas concordaremos que é sim um passo adiante, em busca de melhorias em prol do pensamento sustentável e ecológico, que visa questões para serem tratadas no cunho da Educação Ambiental.

Em um trecho de um artigo que trata sobre Permacultura, sustentabilidade e psicologia ambiental, Raquel Farias Diniz ressalta que

É necessário ter em conta que os problemas ambientais não são apenas problemas de ordem técnica que requerem soluções da física, da química ou da engenharia. As ciências sociais adquirem um papel crucial nesse contexto, levando em consideração a ação humana como intrinsecamente ligada à perturbação do equilíbrio ambiental. (DINIZ, 2016, p.2)

Raquel Diniz faz pensar de como e o quanto a Educação Ambiental é potente e crucial para tratarmos dos problemas ambientais. Fazendo uso de diversas ferramentas, meios e relações de interdisciplinaridade, a Educação Ambiental é de fato peça fundamental na busca de melhores condições de vida para o planeta Terra e as vidas atuais e futuras que almejam por aqui viver. E seguindo nesse pensamento, podemos entender que questões aparentemente pequenas e simples do nosso cotidiano, como o cuidado pessoal com o uso de cosméticos, pode ser algo que sirva de gatilho para pensarmos outras tantas relações do ser humano e o impacto ambiental causado pela nossa falta, muitas vezes, de instrução e conhecimento.

Diante disso, Sampaio e Guimarães apontam que o desafio à Educação Ambiental parece ser a “articulação de dispositivos outros, através dos quais se possam proliferar práticas não mercantis no cotidiano das nossas vidas (nem que para isso seja preciso *rasgar* a própria noção de sustentabilidade)”. (2012, p. 397). Sampaio e Guimarães seguem advertindo que

Expandir, forçar, multiplicar, potencializar a vida, e as infinitas e plurais relações socioambientais tecidas por diferentes coletivos (humanos e não humanos). Nos interstícios, nas porosidades, nas frestas das linhas imperiais do mercado que insistem em colonizar, “esverdear” e planificar sustentavelmente nossas vidas; quem sabe, alocar uma Educação Ambiental que teime em criar pensamentos, imagens, práticas repletas do desejo de tornarem vivas e potentes todas as formas não monetárias de vida. (p. 12, 2012)

Sampaio e Guimarães nos fazem retomar a ideia de resistência ao capitalismo, as formas de vida baseadas em relações monetárias, e através da fala desses autores, podemos afirmar nossa reflexão acerca do papel fundamental da Educação Ambiental nos tempos atuais.

Leff é outro autor que nos ensina que “os valores ambientais se induzem por diferentes meios (e não só dentro dos processos educativos formais), produzindo ‘efeitos educativos’” (Leff, 1999, p.120).

Não somente no ensino formal das escolas é que será possível trabalhar, compreender e agir diante dos valores ambientais, e a ideia de trabalhar com a produção de cosméticos artesanais naturais e a problematização do consumo de cosméticos industriais, é, certamente, um meio potente de produzir, como diz Leff, “efeitos educativos” que possam vir a reverberar em pensamentos ligados aos valores ambientais, ao respeito pela vida e a natureza e aos cuidados que devemos ter com o meio ambiente. E numa ligação entre a produção de cosméticos artesanais naturais e Educação Ambiental, é interessante integrar o conceito de Economia Solidária. Tendo em vista a importância de conhecermos, entendermos e começarmos a aplicá-la em nosso dia a dia. Nessa linha, Paul Singer explica que

A economia solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando-a. Mas seus valores fundamentais precedem sua prática (SINGER, 2005, p.19)

Paul Singer defende a economia solidária que vai além de um modo de produção e que se aproxime mais de um estilo de vida, como um processo contínuo de aprendizado, que abrange diversas áreas de conhecimento, tendo uma ligação direta com Educação Ambiental. Já que ambas tendem a buscar por mudanças ligadas a ajuda mútua, solidariedade, cooperação, igualdade de direitos, preservação e recuperação de recursos naturais, vivendo uma melhor qualidade de vida juntos. Sobre a economia solidária, Moacir Gadotti aponta

Ela nos obriga a ver as pessoas sob outro olhar. Todos pensam juntos. Todos decidem juntos. Os ganhos não são só materiais, São também não materiais. É empoderar as pessoas pela dissolução do poder nelas, em todos e todas. Por isso, a educação é essencial para o avanço da economia solidária. Empoderar não é ‘ter mais’ poder individual, mas reinventar o poder, conquistar mais autonomia, ‘ser mais’, como dizia Paulo Freire (GADOTTI, 2009, p. 48)

Gadotti ainda ressalta a economia solidária como “uma economia de dimensão humana que resgata valores do chamado “fator C”, como cooperação, comunidade, coletividade, colaboração, coordenação e cogestão, integrando os elementos produção, organização e educação” (GADOTTI, 2009, p.20).

A expressão Economia Solidária designa inúmeras experiências que incluem formas diversas de agricultura familiar, assentamentos do MST, empresas industriais ou rurais recuperadas por meio da autogestão, cooperativas, redes de catadores e recicladores, redes nacionais e internacionais de comércio justo, incubadoras de empresas, cooperativas populares, inúmeras experiências de finanças solidárias, clubes de trocas e as economias indígenas e dos quilombos.

No Brasil, um fruto do movimento da economia solidária é o surgimento da Secretaria Nacional da Economia Solidária (Senaes), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego.

Além disso a Economia Solidária vai além de pensar um empreendimento com cunho solidário, ela não se trata apenas de um produto. É, sobretudo, a aplicação de um conceito. Trabalhando com a máxima de respeitar o meio ambiente, produzir sem exploração da mão de obra, respeitando questões culturais e lutando por cidadania e igualdade. Trata-se também de comércio justo, comunitário, visando consumo sustentável, sem causar sofrimento animal ou de seres humanos.

Em relação aos lucros, passa-se a ser discutido de forma coletiva, e entre produtor e vendedor que estão envolvidos em pensar um mundo mais ético e sustentável. Por isso, segundo Gadotti (2009, p.24), “a economia solidária está estreitamente ligada à educação transformadora”, permito-me dizer: uma educação libertária e ambiental.

A economia solidária incorporou, desde os seus primórdios, o tema da ecologia e do desenvolvimento sustentável. Essa incorporação representa uma possibilidade de ampliação do âmbito dos empreendimentos de socioeconomia solidária, assim como ocorreu com a incorporação do enfoque de gênero, o enfoque dos direitos humanos e da defesa do controle social local. Sustentabilidade e solidariedade são temas emergentes e convergentes (GADOTTI, 2009, p. 26)

Assim como sustentabilidade e solidariedade são temas convergentes, Educação Ambiental e Economia Solidária também o são. Ambas têm suas relações, e a Educação ambiental faz-se essencial na construção constante e no avanço da Economia Solidária, sendo assim um processo contínuo de aprendizado. Gadotti (2009, p.24) descreve a Economia Solidária como uma

economia que respeita o meio ambiente e a cultura local, luta por igualdade e cidadania, produz sem fazer uso de mão de obra infantil e exploratória. Faz-se com base no comércio justo, de cooperação, segurança no trabalho, equilíbrio de gênero e consumo sustentável, e envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável. E por isso a Economia Solidária, assim como a Educação Ambiental, estão diretamente ligadas à uma educação transformadora. Elas se opõem a tudo que sugere injustiça, dominação política, exploração econômica, egoísmo e estão conectadas com ideias de bem viver num equilíbrio dinâmico com o outro e com a natureza, num cuidado diário com o planeta e com toda a comunidade viva.

Essa educação, para ser transformadora, precisa ser solidária e libertadora, e não uma mera transmissora de conhecimentos. A educação precisa ser vista como um exercício da liberdade humana, permitindo assim, como diz Euclides André Mance (2002, p.11), “não apenas a produção e interpretação de informações e a participação ativa em processos comunicativos, mas a própria autonomia das pessoas e das coletividades, mediadas por inúmeras relações sociais”. Mance destaca também algo importante acerca das subjetividades de cada pessoa, e aponta

Ao considerar a subjetividade de cada pessoa nos deparamos com desejos, medos, angustias, necessidades, esperanças e muitas outras intensidades que se manifestam através de utopias manifestas ou não. Ao trabalhar coletivamente com essas dimensões de subjetividade, vamos construindo utopias coletivas compondo a diversidade em esferas de colaboração, tendo em vista a autonomia e a emancipação das pessoas, com a produção coletiva do conhecimento e a construção de novos caminhos adequados a cada realidade concreta (MANCE, 2002, p.11)

Sendo assim, é evidente a importância de levarmos em conta a individualidade e a subjetividade de cada pessoa ao trabalhar questões do coletivo. Trabalhar com a produção de cosméticos artesanais, produzindo-os com matéria prima natural, mostra aos estudantes uma possibilidade de autonomia frente ao mercado de cosméticos. Gera, de certa forma, um pensamento crítico em relação a dependência que temos da indústria, e não só pensar em relação ao consumo dos cosméticos, mas acerca de inúmeras outras questões socioambientais como: padrões estéticos de beleza que são impostos pela mídia, uso excessivo de cosméticos contendo componentes

químicos, pensar a saúde do corpo e do meio ambiente, a quantidade de lixo gerada pelas embalagens dos produtos, a poluição causada pelas indústrias com o descarte de materiais no ar, solo e água, questões também da economia solidária, de apoio ao pequeno produtor, apoio aos artesões, pensar outras formas de consumo, tanto na escolha do que vamos colocar em nossos corpos como qual tipo de economia estamos alimentando. Enfim, diversas questões são levantadas em relação a uma mudança de hábito simples, trocando o uso de cosméticos químicos industriais pelo uso de cosméticos naturais artesanais.

E tendo em conta, como adverte Mance, que “toda educação expressa uma posição de classe e de algum modo se articula aos conflitos sociais”, devemos considerar que

A educação tanto pode contribuir, como meio de dominação cultural para reproduzir a dominação política, justificar a exploração de trabalhadores, a exploração dos consumidores, reproduzir estereótipos machistas, preconceituosos, autoritários e antidemocráticos etc., como pode ser um meio cultural para promover a cidadania, uma consciência crítica sobre os conflitos e contradições sociais, capacitar as pessoas para uma autonomia crítica no exercício de sua liberdade, gerar um sentimento de repúdio a toda forma de injustiça (MANCE, 2002, p.12)

Dessa forma, pode-se unir esses potenciais ao pensar uma Educação Ambiental ligada à Economia Solidária, por meio da produção de cosméticos artesanais. Trabalhando com a esperança em uma educação mais criativa, estimulando os estudantes a pensar sob outro viés que não o que já estão acostumados no dia a dia da escola. Ousar uma alternativa diferente, pensando em estimular esse pensamento crítico e o interesse na construção de um mundo novo, onde a ênfase esteja na solidariedade para pensar o bem viver de todos.

A Economia Solidária, ligada a uma Educação Ambiental, não visa apenas a geração de trabalho e distribuição de renda, mas visa também trabalhar diversas dimensões humanas no exercício de uma cidadania ativa; questões afetivas, cognitivas e sociais e além disso lança-se na busca de um olhar mais sensível para com o meio ambiente, a natureza e os problemas de cunho ambiental que o planeta vem enfrentando devido à imprudência dos seres humanos ao fazer mal-uso de seus recursos.

RELATANDO A EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS

As oficinas ocorreram no laboratório de ciências da escola (Figura 5). Outros dois encontros, o primeiro e o último, ocorreram na sala de vídeo, pois basearam-se na mostra de materiais de áudio e vídeo. As oficinas de produção contaram com a participação de praticamente todos os estudantes que estavam presentes nos dias, e o interesse por aprender, experimentar e fazer os cosméticos foi perceptível em sua maioria também. O encantamento deles em poder trabalhar dentro do laboratório de ciências, que estava até então fechado e inativado, foi nítido. Alguns comentaram que nem ao menos sabiam da existência do laboratório.

Figura 5: Mesa pré-produção, com os utensílios para produção dos sabonetes artesanais.



Fonte: Autora, 2019.

O laboratório, que alguns dias antes de eu chegar na escola estava servindo de depósito para algumas caixas, recebeu um cuidado de limpeza e organização para que nós pudéssemos iniciar as oficinas nele, não somente os estudantes, mas eu também me senti muito animada com isso.

Durante as oficinas, até mesmo os meninos mais reservados participaram, tentei dividir algumas funções para que todos fizessem algo, mas também deixei livre para aqueles que quisessem tomar frente e escolher o que gostariam de produzir. Senti que houve interesse e cuidado, pois vinham me

perguntar sobre o que estavam fazendo, queriam fazer bem feito, tinham dúvidas sobre os materiais usados e estavam animados na hora de experimentar os produtos prontos. Principalmente no caso do creme dental, que fizemos com carvão vegetal ativado em pó que deixava os dentes pretos num momento antes do enxágue, e foi motivo de agitação e risadas na turma (Figura 6).

Figura 6: Estudantes experimentando o creme dental de carvão ativado



Fonte: Autora, 2019.

Desde modo, as oficinas foram pensadas com o intuito de aproximar os estudantes de alguns conceitos, como sustentabilidade, educação ambiental, economia solidária, e com uma metodologia de trabalho prática/teórica, compartilhar conhecimentos acerca dos cosméticos artesanais.

Foi pedindo que cada um trouxesse embalagens de casa que pudessem ser reaproveitadas para envasamento das misturas que produzimos, possibilitando assim a reciclagem desses recipientes. Além disso, foi ressaltado a capacidade de cada um poder produzir, de forma autônoma e ecológica, um cosmético com pouquíssimos ingredientes, de fácil acesso, de custo justo e de verdadeira eficácia. Assim, foi valorizado a produção artesanal e os conhecimentos em relação aos produtos de origem natural.

Produzimos creme dental, desodorantes, sabonetes, tinturas a base de álcool de cereais. E a resposta diante dos resultados foi gratificante. Desde o primeiro momento, onde nos encaminhamos para o laboratório, até quando

iniciamos a produção e a maioria dos estudantes demonstraram interesse e animação na realização das atividades.

O primeiro encontro com a turma ocorreu no dia 09/05/2019, e teve início com as apresentações sobre o projeto, um diálogo para conhecer os estudantes, e mostra de vídeos que fizeram relação com o consumismo e questões do meio ambiente. Na sequência foi feita uma introdução a aula de sabonetes artesanais, uma mostra de *Power Point* contendo informações acerca dos sabonetes, fazendo um apanhado geral de sua história, origem, uso, ingredientes, diferenças básicas entre os sabonetes industriais e os naturais, feitos artesanalmente.

No segundo encontro, no dia 16/05/2019, houve a entrega de um pequeno caderno artesanal a cada estudante para registros em aula, e a aula prática foi realizada no laboratório de ciências da escola, com a produção de sabonetes artesanais naturais (Figura 7), com base de glicerina vegetal, óleos essenciais, plantas desidratadas e argilas. Já o terceiro encontro, dia 30/05/2019, foi para a produção de tinturas a base de rosas e alecrim (Figura 8 e 9), e também a produção de creme dental e desodorante.

Aqui acho válido trazer um apontamento acerca da questão do creme dental e o flúor. Na receita de creme dental natural não há a presença de flúor, porém isso não quer dizer que ele não funcione. Pois, segundo Jaime A. Cury (2002), a principal forma de limpeza dos dentes é feita de forma mecânica, tomando os devidos cuidados para uma boa escovação, e ainda nas palavras dele “o flúor isoladamente não impede a doença cárie. Isto mostra a importância dos controles da placa dental e/ou dieta para que um efeito máximo seja obtido” (CURY, 2002, p.40).

Figura 7: Estudantes no laboratório da escola produzindo sabonetes artesanais



Fonte: Autora, 2019.

Figuras 8 e 9: Produção de tintura a base de rosas e de alecrim



Fonte: Autora, 2019.

No quarto e penúltimo encontro, dia 06/06/2019, houve diálogo com a turma, referente ao uso dos cosméticos naturais, fazendo contraponto com os

industriais e levantando questionamentos acerca das questões ambientais. Fazendo ligações dos problemas ambientais com o uso de produtos industrializados, como os encontrados em farmácias e mercados.

Por fim, no dia 13/06/2019, ocorreu o fechamento dos encontros, com a mostra do filme '*Wall-e*', e diálogo relacionando o filme com o projeto. Conversamos também sobre como foi participar de todo processo das oficinas. E um ponto a comentar foi que, além disso, enquanto assistíamos ao filme, comemos a pipoca orgânica plantada, colhida, selecionada e embalada pelo grupo autônomo e de autogestão, '*Guandú*' - que faz parte da região leste da cidade de Santa Maria/RS, e é um grupo que produz, além do milho de pipoca crioula, outros tipos de alimentos, todos sem utilização de venenos ou agrotóxicos. Levantando a questão da produção artesanal juntamente à economia solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos questionar nossos pequenos atos cotidianos, e nos responsabilizarmos na escolha de um cosmético na prateleira de um mercado. E não que não tenhamos outras tantas causas (por vezes maiores e mais importantes) para serem acolhidas e tratadas, porém, não se exclui o fato de que refletir o uso de cosméticos industriais, é sim uma forma de abordar outras tantas questões, aproximar-se a um pensamento mais ecológico e considerar algo, antes tão comum, como um dispositivo potente que pode e deve ser problematizando.

O discurso sobre reciclagem, separação do lixo, reaproveitamento, cuidados com os desperdícios... Tudo isso vem sendo trabalhado com os estudantes em seus livros a algum tempo. Não é um discurso novo, porém podemos afirmar que seus efeitos não são tão notórios quando esperamos que seja. As crianças crescem ouvindo da importância de cuidar da natureza, de valorizar a vida das plantas e animais, de serem seres mais ecológicos, porém, o sistema econômico capitalista, o consumismo, as relações de poder, e toda uma cultura voltada para a exploração e o individualismo, acaba que por

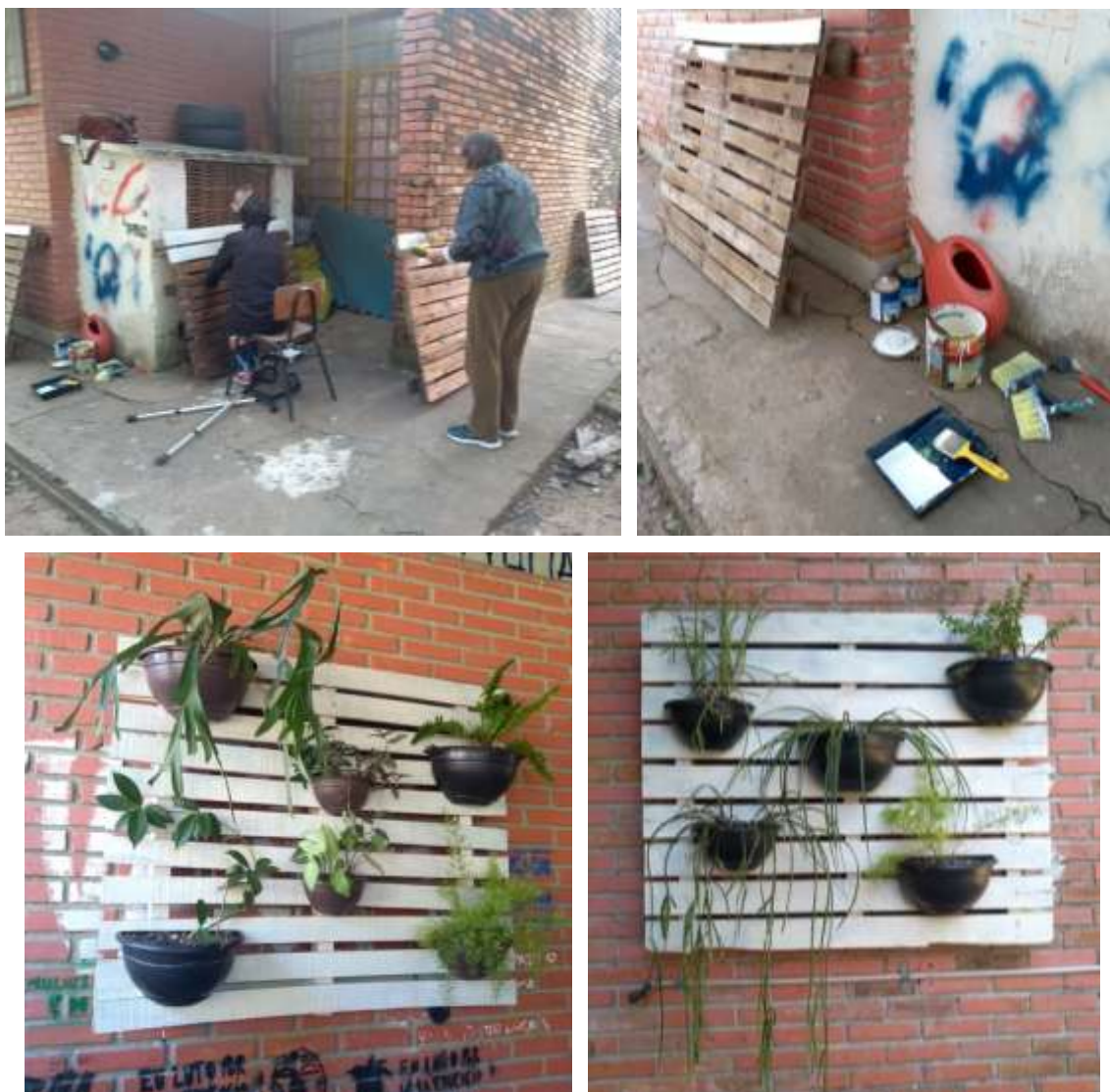
sufocar os ideais de uma educação ambiental que, segundo Sampaio & Wortmann (2014, p.231) “...deveria ser então tomada como uma das estratégias para resolver esses problemas, por meio de uma “educação socioambiental””, que vem precisando, diariamente, buscar renovar-se para conseguir manter-se viva e ativa dentro dessa sociedade de consumo.

E sem querer abraçar a identidade de uma *‘educadora ambiental salvadora do mundo’*, acredito que olharmos para questões, aparentemente simples, como os cosméticos, encontraremos ali um mar de possibilidades para serem trabalhadas dentro da premissa de uma Educação Ambiental. Estimulando os estudantes, e a nós mesmos, educadores/educandos, a constantes ressignificações, e mudanças em nossos hábitos, por vezes, muito distantes de nossos discursos ecológicos.

Como educadores ambientais, devemos refletir sobre nossas identidades, buscando entender essas relações, entender nosso papel dentro da escola, da comunidade, da sociedade em geral. Fazem pensar, por meio da fabricação dessas narrativas, formas de acessarmos outrem, observarmos a construção de nossos repertórios discursivos, e entendermos que a formação de nossa identidade está ligada a outras questões, como as relações culturais da qual fazemos parte. Para que possamos dar seguimento a uma Educação Ambiental genuinamente ligada a nossos valores como pessoa, sermos assim verdadeiros e coerentes de acordo com nossos discursos e nosso papel.

A finalização das oficinas com os cosméticos artesanais na escola, foi uma premissa para seguir um trabalho dentro da comunidade Cohab Fernando Ferrari. Por meio do contato da Escola, passei a fazer parte da organização do grupo de mulheres da UBS Walter Aita em conjunto à comunidade, e estamos em processo de ‘restaurar’ o ambiente da Escola Edna May Cardoso, trabalhando em um projeto paisagístico no local. A ideia é de deixar o espaço mais florido, colorido e agradável para os estudantes, para que eles se sintam bem ao frequentar a escola. Pretendemos colocar mais plantas no pátio, pintar algumas paredes, e nosso trabalho em andamento no momento está sendo a montagem de uma parede de plantas suspensas em alguns suportes de pallets (Figuras 10, 11, 12 e 13).

Figuras 10, 11, 12 e 13: Trabalho realizado na escola Edna May Cardoso pelo grupo de mulheres formado na UBS Walter Aita em conjunto à Cohab Fernando Ferrari.



Fonte: Autora, 2019.

A experiência junto a escola, na realização das oficinas, foi certamente uma semente plantada que, já germinada, cresce, visando a colheita de belos frutos. Foi, desde o início, uma oportunidade de rever-se dentro do sistema de ensino, buscar conhecer a si mesma e o outro, e a si mesma em relação ao outro e ao meio. Partilhar saberes, ensinar e aprender, de forma que, ao trabalhar certos valores, acreditar de verdade no que venho pesquisando e produzindo há tempos e, assim, firmar um propósito dentro da sociedade, de

uma busca constante por aprimoramento, compartilhamentos e evolução, de coração aberto.

Dessa forma, finalizo meu trabalho sem encerrar a temática, pois há muito ainda por fazer. A semente foi lançada e o início dos frutos foram colhidos durante as oficinas e na continuidade das atividades na escola. Dessa forma, entendo que cumpro com os objetivos da pesquisa e posso afirmar que o conhecimento científico precisa sair do espaço acadêmico e contribuir nos diferentes contextos, cumprindo assim, a tarefa de ensinar e aprender conhecimentos.

Desodorante em creme (Figura 12)

Ingredientes:

- 3 colheres (sopa) de óleo de coco
- 3 colheres (sopa) de bicarbonato de sódio
- 6 colheres (sopa) de amido de milho
- 1 colher (sopa) de óleo de amêndoas (ou abacate, ou uva)
- 20 gotas de óleo essencial de sua preferência (opcional)

Figura 12: Desodorante artesanal em creme



Fonte: Autora, 2019.

Se o processo for realizado em dias frios, provavelmente o óleo de coco estará endurecido, graças ao seu ponto de fusão, então nesse caso, aconselhasse derreter o óleo de coco em 'banho-maria' antes de iniciar a mistura de todos os ingredientes. Em caso de o óleo já estar em estado líquido, apenas mistura-se todos os ingredientes a ele.

Desodorante líquido

Ingredientes:

- 200ml de leite de magnésia
- 50ml de água filtrada
- 10 gotas de óleo essencial de sua preferência (opcional)

Misturar todos os ingredientes e guarda em recipiente esterilizado. Podendo ser uma embalagem spray, que facilite a aplicação.

Creme dental a base de carvão ativado (Figura 13)

Ingredientes:

- 4 colheres (sopa) de glicerina vegetal líquida
- 1 colher (sopa) de carvão vegetal em pó ativado
- 1 colher (sopa) de extrato de aloe vera
- 1 colher (chá) de stévia em pó
- 1 colher (sopa) de bicarbonato de sódio
- 10 gotas de óleo essencial de hortelã-pimenta

Figura 13: Creme dental artesanal



Fonte: Autora, 2019.

Misturar todos os ingredientes e guardar em um recipiente de vidro esterilizado. Guardar na geladeira para estender o tempo de validade.

Creme dental a base de argila branca (Figura 14)

Ingredientes:

- 4 colheres (sopa) de óleo de coco
- 4 colheres (sopa) de argila branca esterilizada
- 15 gotas de óleo essencial de hortelã-pimenta
- 1 pitada de sal marinho
- 3 colheres (sopa) de chá de sálvia ou tomilho

Figura 14: Creme dental a base de argila branca



Fonte: Autora, 2019.

Misturar todos os ingredientes, colocando a argila por último. Armazenar em pote de vidro limpo, podendo guardar na geladeira pra maior durabilidade.

Hidratante para pele seca (Figura 15)

Ingredientes:

- 100g de óleo de coco
- 100g de manteiga de karité
- 100g de manteiga de cacau
- 100ml de óleo de amêndoas

Figura 15: Processo de produção do hidratante artesanal



. Fonte: Autora, 2019.

Derreter todos os óleos e manteigas juntos, em um mesmo recipiente, em processo de 'banho-maria', para alcançar uma composição homogênea. Após, aguardar que esfrie (pode ser colocado na geladeira). Quando estiver sólido, bater na batedeira até obter uma consistência cremosa, como um chantilly. Guardar em pote de vidro esterilizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIHPEC. Associação Brasileira de Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos. **Guia Técnico Ambiental da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos**. São Paulo: 2010. Disponível em: <<http://www.crq4.org.br/downloads/higiene.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Conselho Nacional de Meio Ambiente, CONAMA**. Resolução CONAMA nº 001, de 23 de janeiro de 1986. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>> . Acesso em: 15 out. 2017.

CURY, Jaime Aparecido. **Uso do flúor e controle da cárie como doença**. Serviço de Documentação Odontológica BR97.1; D2, B226o, 2002. Disponível em: <https://w2.fop.unicamp.br/dcf/bioquimica/downloads/mat_consulta4-usofluorcontrolecarie.pdf> Acesso em: 14/09/2019 às 22:39.

DINIZ, R. Farias. **Permacultura como um Estilo de Vida Sustentável: O Olhar da Psicologia Ambiental**. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.13, n.2, p.106-118 Mai-Ago. 2016.

GADOTTI, Moacir. **Economia Solidária como práxis pedagógica**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. São Paulo, SP, 2009.

GALEMBECK, F. et al. **Cosméticos: a química da beleza**. Coordenação Central de Educação a Distância. PUC-Rio, 2010. Disponível em: <http://web.ccead.pucRio.br/condigital/mvsl/Sala%20de%20Leitura/conteudos/S_L_cosmeticos.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. **O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 30, n. 2, 395-409, maio/ago. 2012.

INCA - **Ministério da Saúde** - Praça Cruz Vermelha - Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: <<http://www1.inca.gov.br/impresao.asp?op=cv&id=23>> Acesso em: 09/07/2018 às 07h33.

LEFF, Enrique. *Educação ambiental e desenvolvimento sustentável*. In REIGOTA, Marcos (org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999 (p.111-129).

MANCE, Euclides André. **Como organizar redes solidárias**. Rio de Janeiro, RJ. DP&A, Fase, 2002.

MORAIS, I.B.S.; ANGELIS, L.H.; **Biotensoativos: uma alternativa mais limpa para as indústrias de cosméticos**. Pós em revista do centro universitário, ed. 6, fevereiro 2012.

NATÁLIA MIASSI, Natália; FRIGIERI, Mariana C. **ESTUDO DO DESCARTE DE COSMÉTICOS E CONSCIÊNCIA AMBIENTAL**. III Semana de Tecnologia do Curso de Biocombustíveis da Faculdade de Tecnologia de Jaboticabal Ciência & Tecnologia: FATEC-JB, Jaboticabal, v.1, 2010.

PIBID História na Escola. **A Escola**. 2011. Disponível em: <<http://pibidhistorianaescolaaescola.blogspot.com/>> Acesso em: 03/05/2019 às 11:56.

PROTETOR solar e outros cosméticos poluem a água? **Revista Superinteressante**. Publicado em 21 de fev de 2014, 13h23. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/protetor-solar-e-outros-cosmeticos-poluem-a-agua/>> Acesso em: 09/07/2018 às 08h37.

QUÍMICOS em tintas e perfumes poluem mais o ar que carros. **Revista Galileu**. Publicado em 19 de fev de 2018. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2018/02/quimicos-em-tintas-e-perfumes-poluem-mais-o-ar-que-carros.html>> Acesso em: 05/07/2018 às 14h23.

RODRIGUES, Marcela. **Esfoliante: o perigo das microesferas de plástico**. A Naturalíssima. 2016. Disponível em: <<http://anaturalissima.com.br/esfoliante-o-perigo-das-microesferas-de-plastico-receitas-para-fazer-em-casa/>> Acesso em: 14/04/2019 às 12:16.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini. WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **Ser educador ambiental: entre retalhos de textos de identidade**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. Ed. Especial Impressa – Dossiê Educação Ambiental. Jan/jun, 2014.

SECEX. **Secretaria de Comércio Exterior**. Disponível em: <<http://portal.siscomex.gov.br/legislacao/orgaos/secretaria-de-comercio-exterior-secex>> Acesso em: 09/08/2019, às 07h50.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

SHIVA, Vandana. **“A juventude deve liderar”**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=106&v=sM6zueiMYnU> Acesso em: 10 de ago de 2019.

SINGER, P. et al. **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SINGER, Paul. **A economia solidária como ato pedagógico**. In: Kruppa, Sonia M. Portella (org.). *Economia solidária e educação de jovens e de adultos*. Brasília: Inep/MEC, p. 15-20. 2005.

